

A TRAGÉDIA

PLÍNIO CARNEIRO

Acordo e o dia me cheira mal. Aliás, sexta-feira só serve como anúncio de fim de semana de mulher e futebol. Mas o dia sempre me deu um mêdo danado, deve ser coisa de superstição, e eu não quero acreditar em horóscopo. Vai da valsa.

Trabalho, almoço, trabalho, jantar. Está ganho o dia, e a noite de férias começa às 8 horas, quando há reunião marcada no Bar do Lêza para programar o sábado e o domingo. Mas a turma ainda não chegou, alguns devem estar terminando o jantar, e eu já vou combinando com o Paulinho Vítor, que apareceu cêdo hoje.

Amanhã a gente chega do serviço, faz uma peladinha à tarde — é jôgo importante para o time, no campo do Carijós; baile junino no Instituto de Educação, à noite — e aquelas garotas da Serra já prometeram sua companhia. Mais tarde, uma passadinha no Montanhês, para assinar o ponto, um angu do Jesuíno (ou um PF no Adão ou no Coelho ou no Palhares).

Tudo tratado para o sábado, passamos ao domingo, que terá cama até o meio-dia, um canelone na casa do sô Vicente Maleta, jôgo do Cruzeiro no Mineirão e, no fim do dia, um buraco no apartamento do Tito Lívio, com uma visitinha ainda ao Mazito, para matar o domingo, que ninguém é de ferro.

Tudo rebatido, firmado, discutido, já com a presença de Mário Pôdre, Roberto Zorêia e Vagner. Por falar no Vagner

Tico-Tico, êle ficou meio sumido depois que passou no vestibular da Ciências Econômicas, mas reapareceu hoje em alto estilo: cabeludo e até com uma ameaça de bigode.

* * * *

Mesinha de tampo de mármore, há quanto tempo não via. O botequim é pequeniníssimo, com engradados encostados nas paredes, o balcão esbarrando em nosso nariz — é todo de um desconforto aconchegante. Miguel goza o Norberto «ô, Córrego-Sujo, você descobre cada copo-sujo, hem?» Mas ninguém está reclamando: o pé-de-porco vem tinindo, a brama está suando, e a gente fica muito à vontade.

O violão de Mário Pôdre está afinando a voz do Zorêia, que nunca vi cantar tão desafinado. E o vidro giratório das balas atrapalha o encôsto que arranjamos, juntando cadeiras, mesas e engradados. «Me dá uma caipirinha aí», e o garçon — se é que ser garçon é ficar matando mosquitos com uma gominha — está esquecido da vida e traz uma cerveja, mais uma. A perna jogada no canto, as costas doendo no ladrilho frio das paredes, os braços mais frios ainda pelo mármore da mesa, um cigarro no cantinho da bôca, molhado pela espuma da cerveja que escorreu, a platéia — eu, Zorêia, Vagner, Paulinho, Norberto e Miguel — escuta Mário fazer malezas no violão:

«Mané Fogueteiro era o Deus das crianças,
Na Vila distante de Três Corações,
Em dias de festa fazia fogueiras,
Soltava foguetes, subia balões».

Agora mesmo um pretão entrou, a roupa bem passada, escovadinho, com a mulher e dois filhos esperando na porta — todos de brim branco. O rapaz do bar deu uma olhada para êle e nem-te-ligo. O prêto olhou, esperou e nada. O garçon está sumido do ar e o prêto não diz a que veio. Quando falou, falou pra dentro, com voz sumida: «tem cigarro picado? me dá dois Beverly». O rapaz deu os cigarros e o

pretão pagou e saiu: cabeça baixa por ser prêto e ter que comprar cigarro picado. Não sei porquê me veio à cabeça uma frase que li hoje, num livro da Universidade, de autoria do professor Mendes Pimentel: «educar para que tenhamos um povo fácil de governar, difícil de dominar e impossível de escravizar». Bobagem eu pensar nisso agora; depois não tem nada uma coisa a ver com a outra. Deixa pra lá, quero é beber minha brama, ficar olhando os pedaços de fígado boiando no pratinho, nadando no mólho, e escutar o Mário cantar:

“Mané Fogueteiro gostava da Rosa,
Cabocla mais bela o mundo não tem,
Mas o pior é, é que o Zé Boticário,
Gostava da Rosa um bocado também».

Privada aqui não existe. Isto é, existir até que não é bem o termo: ela está lá, para quem quiser usar. Mas entrar naquele cubículo é morte certa — já até apelidaram o lugar de «câmara-de-gás-onde-morreu-Caril-Chessman». O jeito é se esconder atrás dos carros e providenciar as necessidades, as ligeiras. Agora mesmo fui lá e tive que me conter várias vêzes: tôda hora que começava, uma pessoa aparecia. Acho que a sessão do São Cristóvão acabou, porque neste instante passou aquela garota do edifício Seis, de braço dado com a mãe. Despistei ao máximo, mas deu para ela notar que boa coisa eu não estava fazendo. E logo ela, minha velha paquera — qualquer dia dêesses vou chegar perto. Mário continua no violão, batendo o compasso no engradado com o calcanhar:

«Um dia encontraram Mané Fogueteiro,
Com os olhos vidrados, de bruços no chão,
Um tiro certeiro varara-lhe o peito,
Na volta da festa do Juca Romão».

Mais de meia-noite e a gente aqui, terminando uma dúzia de cervejas, idem de caipirinhas e muitos pedaços de dobradinha, pães, mólho e cigarros. E tenho que acordar cêdo, com um programão para o sábado e o domingo. Ainda bem que

não gastei nada: no comêço foi a purrinha, e o Norberto pagou a rodada; depois o Lauro Tripé apareceu com fôrma de coronel e levou tinta nos risquinhos — o resto a gente vai disputar agora, no dominó. E aqui tem muito catedrático no dominó: Fábio, Cica, Asman, mas nenhum dêles apareceu hoje — a disputa vai ser sòmente entre a turma da leve, que a da pesada deve estar dormindo.

O rapaz do bar tem o nome de Parodi — um dos muitos apelidos que o Emílio andou colocando em todo mundo; o pior é que, com o tempo, o rapaz ficou mesma com cara de se chamar Parodi, e ninguém sabe seu nome real.

O bar está vazio e quem resiste é só a turma do violão, porque até o Mário Gradim, que andou sapeando e barranqueando as biritas, já sumiu do mapa: deu uma vomitada atrás do Gordini no Wagner, bronqueou com quem estava por perto e foi levado para casa. O Mário Pôdre continua se lembrando de Augusto Calheiros:

«Aquêles que morrem de tiro conservam,
A última cena nos olhos sem luz,
Um claro foguete de lágrimas frias,
Alguém viu brilhando em seus olhos azuis».

O Mário Eugênio cantou a mesma música uma porção de vêzes. Começava qualquer outra e o Norberto, de fôgo e na fossa, interrompia: «canta aí o Mané Fogueteiro outra vez, sô». E o Mário foi cantando, esquecido de sua brama que esquentava e que sempre alguém bebia para não perder.

Mesa de bar com tampo de mármore: há quanto tempo não via. Desde meus tempos de menino, lá em Ouro Prêto. Mesa de bar com cheiro de frio, com cheiro de infância, caminhão de carvoeiros, tropa de lenha, mato molhado, estreme de vaca. Aromas que se misturam agora à fumaça dos cigarros, cheiro de xixi, cerveja, buchinho com mólho: cheiro de madrugada e logo hoje eu tenho que levantar cêdo.

* * * *

De repente, a coisa começou. Nem sei como. Só sei que a turma estava reduzida a seis: eu, Mário, Paulinho, Vagner, Roberto Zorêia e o Robertão, sem contar o velho de macacão Pirelli, que chegou e começou a participar da purrinha pela garrafa de vodca. O negócio começou com eu e o Mario saindo de cara na eliminatória; depois saíram o Zorêia e o Robertão, ficando Vagner, Paulinho e o velho. Num minuto, o tempo ferveu — os dois estavam fazendo parceiragem e o velho não gostou, metendo a mão na cara do Vagner, que cambaleou, pelo tapa e pela cachaça já tomada.

Entrei no bôlo para apartar — para apartar mesmo, viu, Zorêia — e a coisa, depois de uns pescoções, pareceu-me haver serenado. Olhei para a cara de Paulinho, que segurava meu braço, e o rosto dêle ficou vermelhinho de sangue; olhei para o Vagner e sua roupa estava também manchada de sangue: olhei para meu pulso e minha cara também ficou suja.

O sangue era meu. Na ânsia de segurar os brigões, batera com o pulso num copo e o vidro cortou fundo, rebentando uma artéria, não uma veia, mas uma artéria. A cada pulsação, um esguicho fininho subia do punho, molhando os pães da prateleira, às vêzes indo até o teto. A turma apavorou, era preciso fazer alguma coisa, qualquer coisa. Alguém se lembrou de rasgar a manga da camisa — novinha, vermelha de listras, que eu havia comprado na Marcos para o fim de semana.

E tudo bem depressa, um carro pelo-amor-de-Deus, vamos para o Pronto-Socorro. Um buicão prêto aceitou todo mundo, eu apertando o torniquete com a mão esquerda, os outros fazendo pressão na batata do braço para o sangue não sair, os sinais todos fechados, o carro não desenvolvia e eu tentava compor o pensamento, lembrar como havia tosado o pulso.

Na porta do Pronto-Socorro, fiquei pregado pelas calças no banco de couro do carro — era o sangue que servia de grude. E o homem da recepção ainda vinha com uma conversa de fazer ficha: o Mário Pôdre deu um pontapé na porta da enfermaria e fiquei deitado numa mesa de aço, tôda

branca, onde o sangue, vermelhão, ia se juntando. A demora em ser atendido me apavorava ainda mais, olhava o relógio, duas horas, e eu tenho de acordar cedo para que o programa saia mesmo. Uma hora com um estudante de medicina suturando a artéria, isto já no quarto andar, que disseram ser melhor para operações demoradas.

Mais uma hora deitado sob um holofote redondo, com uma luz forte na minha cara, e três médicos consertando o estrago. De vez em quando olhava o pulso, todo aberto, os médicos falando que a artéria radial, o grande palmar e muita coisa mais estavam em pandarecos. Pela cara deles, eu vi que era mais grave, já havia muito tempo que estava ali e nada de me fechar o pulso, botar as gazes e me deixar ir embora, que hoje tenho que acordar cedo para ir trabalhar.

«O jeito é cortar». Eu ouvi, juro por Deus, ouvi. Mas eu não iria ficar ali quieto, enquanto uns caras estranhos conversavam sobre a conveniência ou não de me cortar a mão. Ah, isto não. Comecei a berrar, não a chorar, mas a xingar alto, pedindo que chamassem alguns dos colegas que eu sabia estarem à espera lá em baixo. E eles vieram, todos sujos de sangue, meu sangue. E o Vagner, com seu jeito de meninão, falou que tinha um primo, o dr. Lindolfo, que era cobra em cirurgia plástica. «Pois telefona para o homem depressa, ô Tico-Tico, eu não vou deixar que me cortem a mão».

O Vagner se mandou para o telefone e fiquei sozinho outra vez, debaixo da luz forte, às vezes tonto pela perda de sangue, mas com medo de dormir e acordar sem mão. (Já me falaram cada coisa do Pronto Socorro, eles encanam a perna errada, cortam sem precisar). «Como é que vou fazer para jogar amanhã, acho que não vai dar nem pra trabalhar cedo, quanto mais pensar na festa junina do Instituto de Educação. Eu tenho que avisar às garotas que o programa crefou».

Era o Wagner que estava ali ao lado, há mais de um minuto, falando comigo, mas eu só via a luz forte na minha cara. «O Lindolfo falou que é para você ir para o Hospital Vera Cruz, que êle vai ver o que aconteceu». «Será que êsse primo do Wagner é careiro, êle bem que pode me fazer um abatimento, afinal sou amigo do primo dêle». Os médicos do Pronto Socorro me embrulharam o pulso — sangue já não mais saía — e eu me lembrei de telefonar para casa, avisar mãe, que vai viajar hoje cedo para Ouro Preto, com minha prima Terezinha.

Avisei. E a velha ficou apavorada só em saber que eu estava no Pronto Socorro. E nem adiantou eu falar que não era nada, uma coisinha à toa, sem importância, «agora mesmo estou aí, pode viajar sossegada». Daí a pouco, dona Emérita, seu Francisco, minha irmã Lêda e a prima Terezinha estavam na porta do Pronto Socorro, as três penteadas em salão para a viagem, e o velho com o paletó sôbre a blusa do pijama. E o pior é que o comitê de recepção — Robertão, Paulinho, Roberto Zorêia e Wagner — estava todo sujo de sangue. Mamãe deve ter pensado: «se êsses estão assim, o que dirá de meu filho». Mas eu não tenho nada, nada além de uma tontura que chega e passa, nem dor no braço sinto mais.

* * * *

Hospital Vera Cruz, uma luz acesa na entrada, duas freiras, uma enfermeira, foi o que vi primeiro, ao descer do carro. O primo do Wagner, cirurgião plástico famoso, segundo o Tico-Tico, também estava lá, dizendo que não garantia nada, mas ia ver o que poderia ser feito. A turma ficou a meu lado na portaria, eu com o braço direito levantado, coberto pelas gazes, uma dor-de-cabeça danada, muita cerveja, muito buchinho, muito cigarro. E a irmã-de-caridade não estava gostando da gritaria que os quatro bêbados faziam — lá no Pronto Socorro êles ficaram enchendo a cara no botequim da esquina, enquanto eu penava nas mãos dos estudantes. O Mário descobriu agora uma tampinha de cerveja e ficou dando chu-

tinho nela, depois de levantá-la com a beirada do sapato: o barulho ecoava pelo corredor escuro, comprido, com cheiro de hospital.

Corredor frio e comprido e escuro — deveriam acender uma luz aqui — e eu sendo transportado, numa cama-carrinho, o teto vermelho, a luz na minha cara, o holofote redondo, o pulso latejando, a garganta sêca, tudo demorando muito a ser resolvido. Essa luz na cara me enche, o primo da Vagner com um pano no rosto, mamãe de cabelo alto, uma espetada no braço, um pedaço de buchinho nadando no mólho, eu fazendo xixi na môça do Seis, uma mesa de tampo de mármore, Mário Pôdre cantando Mané Fogueteiro, muita fumaça, muita névoa, eu caindo dentro da própria garganta, o programa de sábado, trabalho, futebol, Mané Fogueteiro, Montanhês, Angu do Jesuíno, Angu Fogueteiro, Murilo e Geraldo me olhando, acordar cêdo, sair pela aí de pulso pra cima, de cabelo bem alto, com cheiro de infância, Ouro Prêto, Mariana, Mato molhado, Mané Fogueteiro, acordar cêdo, dormir tarde, dormir, dormir. Dormir? Eu, hem Rosa!!